

Laborinho Lúcio | Respostas

1. Face aos desafios da Escola que tão bem expôs, como avalia a formação contínua de professores na atualidade e que medidas/caminhos propõe para melhor responder a esses mesmos desafios?

A formação contínua de professores é, hoje mais do que nunca, absolutamente essencial. Creio, porém, que, mais do que as metodologias de ensino, é fundamental trabalhar a relação crítica do professor com o meio. Desde logo, o meio escolar, chamando cada um a partir da sua experiência, mas levando-o a reflectir sobre ela, estabelecendo um diagnóstico aberto, isto é, com leituras diferentes; e procurando traçar caminhos e modelos de intervenção, também correctivos, sempre que seja caso disso. Depois, o meio social e familiar de onde provêm os alunos. Volto a assinalar aqui a importância da Comunidade Educativa.

Por outro lado, importa trabalhar com os professores, modelos alternativos de ensino-aprendizagem, por forma a evitar o estereótipo, que é, talvez, o maior obstáculo à inovação e à ruptura crítica, também quando necessária.

Não entendo também, como não é incluído na formação, de uma forma sistemática, o tema dos direitos da criança, nomeadamente o estudo da respectiva Convenção das Nações Unidas.

São apenas algumas referências para uma resposta que, evidentemente, vai muito para lá destas meras sugestões.

2. Como conjugar uma avaliação promotora da efetiva inclusão dos alunos com o também vigente modelo de acesso ao ensino superior?

País estranho este, cujas universidades e politécnicos descarregam no nível secundário de educação a seleção dos seus potenciais alunos...

Aguardo, com expectativa, a resposta do Senhor Professor a este desafio.

Para mim é muito claro que importa caminhar para uma outra forma de selecção para a entrada no Ensino Superior, libertando disso todo o Ensino até ao fim do Secundário. Hoje, caricaturando, mas pouco, logo a pré-primária, no imaginário de pais e professores, é já um primeiro passo para a garantia do sucesso nos dois exames nacionais que servem de acesso ao Superior. Ora o Ensino, até ao termo do Secundário deve valer por si, com autonomia, tendo a sua finalidade definida até ao termo do 12º ano.

Só assim é possível estabelecer objectivos próprios para esse período fundamental de escolaridade e garantir a inclusão de todos os alunos, como forma de sucesso não apenas deles como também do sistema de ensino.

Levará tempo a chegar lá, mas julgo que é importante começar a criar uma cultura que conduza a esse resultado último.

3. Numa época de pandemia em que a escola é obrigada a garantir a distância social e o ensino misto (eu já me encontro nessa situação pois tenho uma turma em isolamento profilático) como vamos conseguir garantir a socialização que a meu ver é essencial para o bem-estar físico e psicológico de todo o ser humano e neste caso dos nossos alunos?

Julgo que não podemos cair no erro de confundir as coisas. Estamos numa fase de pandemia que, mais tarde ou mais cedo, irá ser ultrapassada. O importante é não deixarmos que soluções excepcionais que a pandemia justifique, venham a ser adoptadas como boas e definitivas depois dela. Se for necessário, no limite ou em casos especiais, adoptar o ensino à distância PORQUE A PANDEMIA O IMPÕE, pois que assim seja. Mas sempre com a noção da excepcionalidade da medida e a garantia de que, vencida aquela, o regresso presencial à escola é essencial. É por isso que gosto de dizer que, Escola sem Educação, nega a condição humana; Educação sem Escola, nega a inclusão.

4. Os fundamentos da Cidadania e dos Direitos Humanos são transversais às diversas áreas curriculares. No 3º CEB a disciplina de História poderá ter um excelente contributo para o trabalho destes princípios fundamentais para a nossa vivência numa sociedade Democrática em que trabalhamos para a formação de cidadãos livres, tolerantes e defensores da igualdade. Paradoxalmente esta disciplina tem vindo a ser reduzida na sua carga horária semanal, que pode ser de 2 tempos, de 50 minutos. Como trabalhar estes valores tão estruturantes, numa realidade que desvirtua sistematicamente as humanidades em prol do tecnicismo emergente?

Numa Escola democrática ou da democracia, a Cidadania é matéria de todas as disciplinas.

É claro que se se quiser relevar a sua importância cumpre, de uma vez por todas revalorizar o papel e o sentido das Humanidades. Isto não significa que não exista uma disciplina de Cidadania e Desenvolvimento, com cuja existência eu concordo. Agora o que não pode é, por causa desta, dispensar as outras áreas do necessário compromisso com os valores fundamentais que estão ali em causa.

Julgo que esta é mais uma importante reflexão a fazer-se, valorizando o «conflito» de ideias e opiniões, mas abandonando a «conflitualidade agressiva» que tende a instalar-se no debate. É, uma vez mais, o respeito pelas crianças e jovens que impõe que assim seja.